# EM TRÂNSITO: O TOM É GRAVE; O TEMPO É BREVE

**De Onde Vem a Canção?**

Em sua nova construção, **Em Trânsito**, **Lenine** ressignifica a pergunta retórica formulada originalmente em **Chão** (2011). Ressignifica, sim, pois estando em novas circunstâncias passa a ser uma nova pergunta - o tal “sempre outro rio a passar” que Heráclito ensinou a Quintana\*. E talvez seja sua própria resposta: canção é processo, vem de muitos *ondes*, vai para outros tantos.

Em Trânsito é uma ode ao processo. Não à toa, subverte a ordem que se nos impuseram (disco de estúdio / show / disco ao vivo). Tudo do avesso porque é tudo processo. É livre de obrigações, desemoldurado. Lenine enxerga que **O Dia em Que Faremos Contato** (1997), **Na Pressão** (1999) e **Falange Canibal** (2002) constituem uma primeira trilogia, em que o conceito dos discos é uma amarração feita *a posteriori*, a partir do conjunto das canções que ele já compusera até então; já **Labiata** (2008), **Chão** e **Carbono** (2015) são uma segunda trilogia, em que novas canções foram criadas para *álbuns* cujos conceitos foram imaginados *a priori*. Em Trânsito seria o que, então, senão a fusão das duas coisas - justamente aquilo que não vem antes e nem depois?

O resultado é um repertório de canções que soam novas - sejam elas inéditas ou não. **Que Baque É Esse?** É o baque do maracatu de bombo fofo, rasgado pelo sax de **Carlos Malta**, ou é o baque da **Intolerância**, parceria nova com **Ivan Santos** que também é costurada por Malta? Seria o baque da desilusão dos nossos sonhos luminosos de nação, como previu com **Carlos Rennó** em **Ecos do Ão**, ou o baque da metrópole que nos atropela e nos expulsa, imaginado com **Bráulio Tavares** em **Lá Vem a Cidade**? **Ninguém Faz Ideia**. O baque talvez seja o próprio *devir*\*, a transformação como certeza única. O que não **Virou Areia** ainda há de virar, seja o rei ou o pirata de **Lá e Lô**; seja o índio da estrela veloz e brilhante de **Tubi Tupy** ou a própria estrela, o sol mais distante observado com **Arnaldo Antunes** em **O Céu É Muito**.

Além de perene, o processo é coletivo: o Lenine de **Castanho**, canção em parceria com **Carlos Posada**, não chegou sozinho. Ao mostrar as canções inéditas (como **Bicho Saudade**, em parceria com **João Cavalcanti**) para a banda, o violão foi dispensado. Melodias e letras, cruas, para que os resultados fossem decifrados em conjunto com **Jr. Tostoi, Guila**, **Pantico Rocha** e **Bruno Giorgi**. Bruno ainda assina a direção musical, sendo mola essencial dessa engrenagem-organismo. A assinatura da banda é clarividente, consequência da intimidade conquistada por muitos anos de labuta criativa.

Mas há outras sonoridades, como a delicadeza da ciranda **Lua Candeia**, feita com **Paulo César Pinheiro**, que ganha ares camerísticos pelas mãos do pianista **Amaro Freitas**. O parentesco com **Ciranda Praieira**, da mesma parceria e de semelhante temática, quase não se nota - exatamente pelo que a banda imprime a essa ciranda-dub, gravada originalmente em Labiata. Em **Leve e Suave**, canção inédita que abre Em Trânsito, Lenine, sozinho em cena, fala de afeto e leveza. Isso só reforça a ironia fina de **Umbigo**, onde os descaminhos do ego são postos nus sob os gritos distorcidos da guitarra de **Gabriel Ventura**, que deixa o posto de r*oadie* para integrar a banda. A atmosfera mais surpreendente é a da inédita **Ogan Erê**, parceria com **Lula Queiroga**, onde o ponto é montado a partir da superposição de sons feitos com a voz, cama sobre a qual Lenine (com vocal de Bruno) conta como a ancestralidade dos terreiros se transmite desde a infância.

Com patrocínio da Petrobras e do Governo Federal, Em Trânsito é, portanto, o que o próprio nome sugere. É o mar de escolhas que Lenine fez para manter-se atento ao caminho, mesmo sem saber o destino. É o artista recusando-se a ceder à inércia - **Eu Sou Meu Guia** e o movimento **É o Que Me Interessa** (música feita com **Dudu Falcão**). É a iluminação acentuada nas penumbras e contrastes, desenhada por **Robson de Cássia** e conectada com o meio e o tempo onde foi concebida. É o uso sem pudores de periféricos analógicos na captação do áudio, feita por **Diogo Guedes** e **Elton Bozza**, para gerar verdade no *durante*. É uma arte gráfica, assinada por **Bruno Tavares** e **Lisa Akerman**, igualmente analógica: feita em *cianótipo*, processo químico de impressão que antecedeu a fotografia moderna, mostra muitos símbolos *processuais*, como o neurônio, a raiz, o relâmpago - a analogia está na forma e no conteúdo. É, por fim, a deflagração do ímpeto, como descrita na inédita **Sublinhe e Revele**.

Porque o tom é grave e o tempo é breve.

Por João Cavalcanti

\* Diz **Mário Quintana** em **Canção do Dia de Sempre** “Nunca dês um nome a um rio: Sempre é outro rio a passar. Nada jamais continua, tudo vai recomeçar!” Quintana parece repercutir **Heráclito de Éfeso**, filósofo pré-socrático que postulou o conceito de *devir*, através de frases como “Tudo flui e nada permanece”, “Não há nada permanente, exceto a mudança” e “Nenhuma pessoa pode pôr os pés duas vezes no mesmo rio, pois o rio já é outro e a pessoa já é outra”. *Devir*, segundo o Houaiss, é o “fluxo permanente, movimento ininterrupto, atuante como uma lei geral do universo, que dissolve, cria e transforma todas as realidades existentes”.